

Representação feminina na literatura da África do Sul

Female representation in South African literature

Thomas Bonnici

Resumo

As políticas de império, colonialismo e apartheid influenciaram não apenas a África do Sul, mas também a representação da mulher africana na literatura. Analisam-se alguns aspectos de representações femininas em três amostras da literatura sul-africana em inglês: Foulata e Gagool em *King Solomon's Mines* (1885), de Henry Rider Haggard; a moça anônima no conto *Is there nowhere else where we can meet?* (1985), de Nadine Gordimer; Melanie e Lucy em *Disgrace* (1999), de J. M. Coetzee. No primeiro romance, a investigação gira em torno da mulher africana vista por olhos imperiais; no segundo momento, a mulher é analisada quando o colonialismo já parece distante, mas o país está imerso na política de apartheid; finalmente, a mulher é vista no período apartheid no qual aflora a ambigüidade feminina embora a maioria negra comece a respirar a liberdade e se divulgue a reconciliação.

Palavras-chave: literatura sul-africana; representação feminina; objetivação; sujeito; literaturas em inglês.

Introdução

Desde o seu descobrimento pelos europeus, a região que abrange o que atualmente é a África do Sul sofreu o processo de alteridade caracterizado pelo colonialismo e, mais recente, pela política repressiva racista do apartheid. Os dois encontros coloniais mencionados por Camões em *Os lusíadas* são os paradigmas do relacio-

namento entre o europeu “civilizado” e o hotentote “selvagem.” (BONNICI, 2000). Sucessivamente, a África do Sul experimentou a colonização pelos bôeres (1650-1815) e pelos ingleses (1815-1910), enquanto a população nativa era subjugada por um duplo imperialismo. A independência (1910) recrudescer a hegemonia branca, a qual demonstrou o apogeu racista na introdução e sustentação da política do apartheid (1948-1990). Fazendo uma releitura da realidade e analisando a mulher no contexto histórico e social acima mencionado, a literatura apresenta o processo de objetificação, alteridade, questionamento, subjetificação e recuperação de voz. É mister dizer que os textos escolhidos podem não ser os mais representativos para tal empreendimento, mas, sendo de autores conceituados, darão o *simulacrum* da mulher levado ao mundo ocidental e constitui, portanto, o *worlding* (ASHCROFT et al., 1998) da mulher sul-africana.

Colonialismo e feminismo

Há uma estreita relação entre os estudos pós-coloniais e o feminismo. Em primeiro lugar, há uma analogia entre patriarcalismo/feminismo e metrópole/colônia ou colonizador/colonizado. “Uma mulher da colônia é uma metáfora da mulher como colônia.” (DU PLESSIS, 1985). Em segundo lugar, se o homem foi colonizado, a mulher, nas sociedades pós-coloniais, foi duplamente colonizada. Os romances de Jean Rhys, Doris Lessing, Toni Morrison e Margaret Atwood testemunham esta dialética. Portanto, o objetivo dos discursos pós-coloniais e do feminismo é a integração da mulher marginalizada à sociedade. De modo semelhante ao que aconteceu nas reflexões do discurso pós-colonial, no primeiro período do discurso feminista, a preocupação consistia na substituição das estruturas de dominação. Esta posição simplista evoluiu para um questionamento sobre as formas e modos literários e o desmascaramento dos fundamentos masculinos do cânone. Nestes debates, o feminismo trouxe à luz muitas questões que o pós-colonialismo havia deixado obscuras; outrossim, o pós-colonialismo ajudou o feminismo a precaver-se de certos pressupostos ocidentais enraizados no discurso feminista. O nigeriano Ngugi diz que “nenhuma libertação cultural [ocorre] sem a libertação feminina.” (apud PETERSEN, 1995).



BONNICI, Thomas.
Representação feminina
na literatura da África
do Sul.

Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 91-101,
2002.

Sujeito/Objeto

A opressão, o silêncio e a repressão das sociedades pós-coloniais decorrem de uma ideologia do sujeito. Sartre discursa sobre a construção da pessoa como Sujeito em relação ao Outro e, portanto, enfatiza a característica da reciprocidade. (SARTRE, 1997). Esta reciprocidade permite as relações mútuas entre a pessoa e o outro. Ambos podem voluntariamente ter a função de objeto para o Outro. Nas sociedades pós-coloniais, porém, o sujeito e o objeto pertencem inexoravelmente a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. É a dialética do Sujeito e do Outro, do dominador e do subalterno. A língua cortada do personagem Friday no romance *Foe* (1986), de J. M. Coetzee, é o símbolo do colonizado mudo por ato voluntário do colonizador.

Os críticos tentam expor os processos que transformam o colonizado numa pessoa muda e as estratégias que ele utiliza para sair desta posição. Spivak discursa sobre a mudez do sujeito colonial e, conseqüentemente, da mulher subalterna. “O sujeito subalterno não tem nenhum espaço a partir do qual ele possa falar”, sentencia Spivak (1995). Bhabha (1984) relata que o subalterno pode falar e a voz do nativo pode ser recuperada através da paródia, da mímica e de tática chamada “sly civility” (cortesias simuladas) que ameaçam a autoridade colonial.

Há três teorias sobre a transformação do colonizado-objeto em sujeito dono de sua história e da sua capacidade de reescrever sua história. JanMohammed (1988) afirma que o autor da literatura pós-colonial deve dedicar-se à produção de estereótipos negativos do colonizador e de imagens autênticas do colonizado. Bhabha (1983) recusa a polaridade colonizador-colonizado e reconhece que a alteridade é “a sombra amarrada” do sujeito porque ambos se construíram. Este hiato entre o sujeito e o objeto, o território da incerteza, é aproveitado pelo autor pós-colonial para reconstruir seus personagens pós-coloniais. O hibridismo pós-colonial com sua subversão da autoridade e a implosão do centro imperial constrói o novo sujeito pós-colonial. O guianense Wilson Harris (1973) fala do sujeito colonizado como alguém que possui muitas facetas. A procura deste eu composto é a nova identidade pós-colonial. A chave de tudo isso é a imaginação, o único e antigo refúgio de pessoas oprimidas pela política de dominação e de subserviência (SOUZA, 1994).

A análise do romance *King Solomon's Mines*, do conto *Is there nowhere else where we can meet?*, e de *Disgrace* levará em consideração esses princípios básicos da teoria pós-colonial e mostrará não apenas a evolução que houve na literatura sul-africana

mas as ambigüidades oriundas da situação peculiar do país submetido ao colonialismo e ao racismo pelos europeus.

A subjetificação de Gagool

O romance *King Solomon's Mines*, publicado em 1885, do inglês Henry Rider Haggard (1856-1925), foi escrito a partir da fascinação do autor pela vida selvagem, sociedades tribais e o passado da África do Sul. Impressionado pelas ruínas encontradas em Zimbabwe e as minas de diamante em Kimberley, perto do estado de Orange, em 1871, o autor se entrega a um gótico imperialista, inscrevendo nesse romance as contradições do império. A representação feminina se dá pela moça kukwana Foulata e a bruxa Gagool. A primeira é descrita como a mais bela entre as dançarinas que se apresentaram diante do rei Twala e dos três viajantes europeus. De acordo com os costumes kukuanas e também por ela se destacar em beleza, Twala decretou que Foulata tinha de morrer. Contrariando as ordens de Twala, o capitão Good a salva da morte e ela se torna a serva fiel do europeu, atendendo-o na doença e acompanhando-o na mina do tesouro. Foulata é morta quando, tentando impedir Gagool a escapar da câmara do tesouro na montanha, é apunhalada pela bruxa. Por outro lado, Gagool é descrita como uma anciã esquelética. De corpo enrugado, ela é comparada a uma múmia, a cabeça parece a de um abutre, a testa a uma cobra, os dedos às garras de uma ave de rapina. Dominando completamente o rei Twala e toda a tribo dos kukuanas, a bruxa, com sua voz profética, mostra crueldade, ironia e traição. Após a morte de Twala e a restauração de Ignosi como rei legítimo, ela traiçoeiramente acompanha os europeus à montanha do tesouro. Em sua tentativa de matar os europeus na câmara do tesouro, Gagool é atingida pela porta de pedra (que só ela sabe acionar) e morre esmagada. Evidentemente o narrador imperial branco de *King Solomon's Mines* exalta o papel de Foulata e execra as ações da bruxa Gagool.

Os encontros coloniais sempre acontecem através da hierarquização, na qual o europeu se constitui o Outro através da alteridade imposta ao nativo, o qual é fabricado como outro. Spivak (1995) diz que a alteridade se dá através da degradação do indígena e do radical distanciamento entre representantes da metrópole e os nativos. Nesse caso Foulata, abrigada pelo Captain Good contra a ira do rei Twala, é a metonímia do nativo africano. Construído pelo reconhecimento da superioridade do poder de suas armas e do conhecimento astronômico do europeu, o nativo hotentote aban-



BONNICI, Thomas.
Representação feminina
na literatura da África
do Sul.

Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 91-101,
2002.

dona sua postura de sujeito e se transforma em servo obediente. Como o caráter Khiva no início da aventura, Foulata abdica a sua subjetividade e se submete ao serviço (disfarçada como empregada, enfermeira, cozinheira, companheira) dos europeus. Esta objetificação é tão profunda e degradante que, como recompensa, o nativo um ser “anestesiado”. “Estou feliz em morrer porque sei que ele não pode onerar a sua vida com uma pessoa tal como sou; porque o sol não pode se casar com a escuridão, nem o branco com o preto.” (HAGGARD, 1968, p. 254).

Em muitos casos a submissão e o distanciamento produzem o *comprador* (ASHCROFT, 1998), ou seja, o nativo se constitui um intermediário nas transações comerciais entre a metrópole e a colônia. É óbvio que o intermediário conquista uma posição privilegiada e assegura grande interesse na manutenção da ocupação colonial. Provavelmente na reação à ocupação colonial e à figura do comprador que se situa a bruxa Gagool. Além da identificação de Gagool com animais e feiura, o narrador imperial a caracteriza como uma mulher má, sanguinária, traiçoeira, irônica, ou seja, a personificação da maldade. A despeito do aviltamento e da degradação de Gagool pelo narrador europeu, o texto logo mostra que a bruxa percebeu a finalidade exploradora e colonial dos europeus.

O que procuram, homens brancos oriundos das estrelas? Ah! Sim! Oriundos das estrelas! Procuram alguém perdido? Não o encontrarão nesse lugar. Ele não está aqui. Nenhum pé de homem branco tem pisado esta terra por centenas e centenas de anos. A não ser uma vez. Mas deixou essa terra para morrer. Viestes à procura de pedras brilhantes. Sei, eu sei... E tu, tu da pele negra e porte altivo [Umbopa], quem és tu? O que procuras tu? Com certeza, não procuras as pedras que brilham... Acho que farejo o sangue de suas veias. (HAGGARD, 1968, p. 138).

Gagool é a metonímia da sabedoria centenária da tradição kikuana e africana e representa a guarda das “riquezas” contra a violação pelo homem branco. O único que tenta explorar as riquezas africanas e propagá-las ao mundo foi José da Silvestra, o aventureiro português morto nas montanhas em 1590 sem conseguir nenhum sucesso em levar os diamantes à Europa. Contudo, Gagool logo percebe que os europeus da época vitoriana são mais expertos, já que utilizam os próprios nativos para obterem seus fins. A aliança com Umbopa (ou Ignosi), o legítimo rei ainda disfarçado, e com o general Infadoos, é a garantia da derrubada de Twala, da mordada de Gagool e do caminho aberto ao tesouro de diamantes para ser roubado e transferido à metrópole colonizadora. O diálogo entre Umbopa e os europeus sobre o acordo é revelador.

‘E vós, homens brancos, ajudar-me-eis? O que tenho eu para vos oferecer! As pedras brancas! Se eu for vencedor e as encontrareis, tereis tanto quanto podereis levar. Ficareis satisfeitos?’...Respondeu Sir Henry, ‘Diga-lhe que ele tem uma idéia errada do cavalheiro inglês. Embora a riqueza seja atraente, nenhum inglês se vende pela riqueza. Da minha parte posso dizer que sempre gostei de Umbopa e, enquanto tiver forças, ficarei a seu lado nessa difícil tarefa’ (HAGGARD, 1968, p. 143).

A aliança entre os nativos amigos e os europeus tem por finalidade a entrega do tesouro e a espoliação da riqueza africana. A objetificação de Gagool como pessoa sanguinária e cruel pode ter sido uma estratégia do narrador branco para colocá-la na alteridade diante de sua resistência de se render à alteridade. Essa estratégia pode ser provada diante da inflexibilidade dessa personagem referente aos costumes de seu povo e da aceitação incondicional de Umbopa e seus seguidores a costumes europeus ou a leis que favorecem os europeus. Portanto, uma releitura de Gagool a restaura na posição de defensora das riquezas africanas. A sua traição e morte podem ser relidas como sua estratégia para frustrar os europeus em sua ganância para dominar o continente e espoliá-lo de seu tesouro.

Apartheid, culpabilidade, utopia

Embora a África do Sul tenha se tornado independente do Reino Unido em 1910, os resquícios coloniais foram mantidos não apenas pelo sistema do *Commonwealth*, mas, de modo especial, pela estratificação hierarquizante do racismo. Na África do Sul, os 12% da população de origem européia (holandeses, ingleses, franceses e alemães) dominavam os 80% de grupos étnicos autóctones e indianos. Logo depois da independência, os brancos consolidaram seu poder sobre a população não-branca até a oficialização do apartheid em 1948. A partir de Alan Paton e Nadine Gordimer, muitos autores sul-africanos anti-apartheid insistem na ilegalidade do racismo, do apartheid e do despotismo no país, condenam a presunção da voz branca de representar a história dos negros e clamam pela liberdade dos não-europeus. Os romances e contos de Nadine Gordimer foram por esse motivo proibidos pelas autoridades sul-africanas.

O conto *Is there nowhere else where we can meet?*, publicado em 1953, narra o encontro fortuito de uma moça branca e um rapaz negro num bosque. O ambiente bucólico torna-se um terreno agônico no qual os dois personagens lutam. Apavorada, ela deixa cair o pacote e a bolsa, que foram imediatamente pegos pelo negro. A



BONNICI, Thomas.
Representação feminina
na literatura da África
do Sul.
Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 91-101,
2002.

moça correu até encontrar a estrada, decidida de bater na porta da primeira casa e pedir socorro. Quando estava prestes a abrir o portão da casa, refletiu e foi embora, sem denunciar o ocorrido. O encontro entre negro e branco, inscrito pela estratificação racial, sempre foi de conseqüências trágicas para o primeiro. Se o conto é lido como um fato histórico sobre a época do apartheid, seria denominado um equívoco, já que a hierarquização, a degradação e a punição do nativo seriam certas. Se o conto é interpretado como metaficção, ou seja, como o encontro entre o europeu colonizador (representado pela moça) e o negro colonizado (representado pelo rapaz), começa a fazer parte a utopia preconizada pelos escritores sul-africanos. O tema do conto gira em torno da maneira como o colonizador, quebrando a cadeia de violência e não denunciando o negro, contribui para o fim da segregação racial e para a subjetificação do nativo.

A descrição “em marcha lenta” do negro representa e enfatiza a situação subalterna em que a colonização centenária e o apartheid deixaram o nativo sul-africano. As roupas rasgadas, os olhos vermelhos, a ferida no rosto, a fome, a comparação com animais e, mais premente, a desconfiança pelo branco, testemunham a alteridade. Contudo, naquele momento, diante dos olhos da descendente dos colonizadores brancos, parece ter acontecido a recapitulação instantânea da violência contra os negros. “A dor da culpa a parou diante dos olhos vermelhos cansados [do negro]” (GORDIMER, 1985, p. 3). A mulher sentiu-se culpada pela objetificação do nativo. Revelando a utopia da igualdade e da subjetificação, ela afastou-se do paternalismo e do colonialismo e questionou a validade da violência deste sistema mundial. Portanto, ela representa o paradigma da mulher (e do europeu) que recupera sua identidade, ou seja, preconiza a comunicação entre europeus e não-europeus não na base da violência mas na reconciliação e na igualdade. Isentando o negro de qualquer culpabilidade em sua subalternância e assumindo a culpabilidade pela violência perpetuada contra ele, a mulher apresenta a utopia multirracial com relacionamentos interpessoais não-violentos e cooperação política.

A mulher e a descolonização da mente

Caracteriza-se a década de 90 na África do Sul pelo desmantelamento da política de apartheid e pela abrangência da reconciliação, compreensivelmente lenta, iniciada pela Comissão de Reconciliação e Verdade. É nesse contexto que se deve analisar o romance

Disgrace (1999), de J. M. Coetzee, embora o texto, como toda a escrita ficcional do autor, mostre uma grande resistência a uma interpretação realista e penda mais à leitura metaficcional.

O professor branco sul-africano David Lurie, de 52 anos, divorciado pela segunda vez, seduz sua aluna Melanie. Embora não seja um caso de violação sexual, ela apresenta uma queixa crime perante o colegiado universitário. Seus colegas professores praticamente o obrigam requerer uma aposentadoria precoce. Tentando adquirir um pouco de paz, David se refugia no sítio de Lucy, sua filha lésbica, no interior do país. Apoiados por um negro vizinho que está prestes a recuperar sua terra, três jovens atam fogo em David e violentam Lucy sexualmente. Os dois sobrevivem. Lucy, porém, recusa pôr uma queixa na delegacia e integra-se à família estendida de Petrus, que anexou o sítio de Lucy à sua propriedade. Inconformado, David trabalha numa clínica veterinária com Bev Shaw, tratando cães doentes e praticando eutanásia em outros. Embora tenha um especial carinho a um cão vira-lata, no fim da narrativa David o sacrifica numa demonstração de total entrega.

O romance *Disgrace* revela a luta e o conflito de grupos outrora dominantes que tentam enfrentar um mundo em mutação e a reviravolta política ocorridos na África do Sul. Rompe-se definitivamente o mundo patriarcal. Em primeiro lugar, a situação colonial é revelada através do relacionamento racista, silencioso e hierarquizante, entre homens e mulheres. O silêncio quase absoluto da prostituta Soraya, da estudante Melanie, da ex-mulher Rosalind e da filha lésbica Lucy relembram subliminarmente o colonialismo explorador. Jamais se sabe o ponto de vista de Melanie, já que David imediatamente substitui o discurso dela com suas reflexões. Quando David quer mostrar ternura a Lucy logo após ela ter sofrido violência sexual, a única resposta da filha é o silêncio. Constante na ficção de Coetzee, o mutismo evidencia o grande hiato entre o colonizador branco e o colonizado, especialmente quando se trata da mulher negra, duplamente colonizada (DU PLESSIS, 1985). A objetificação da mulher reduz-se ao mutismo, especialmente quando se trata das tentativas de escrever suas experiências. A reviravolta política, porém, traz mudanças drásticas, especialmente na atitude de autores. Após séculos de fingir falar em nome do subalterno, do indígena e da mulher, todos reduzidos ao silêncio, o escritor branco descobre a impossibilidade de reproduzir a memória e a história do nativo.

Portanto, se colocamos David como o termo da metonímia do colonialismo, há no romance um abrangente contra-patriarcalismo manifesto na exigência de uma reparação completa à acusação da



BONNICI, Thomas.
Representação feminina
na literatura da África
do Sul.

Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 91-101,
2002.

sedução; na constante frustração sexual; nas reprimendas de sua ex-mulher que considera indefensável o seu comportamento; na afirmação de não necessitar acompanhamento psicológico (COETZEE, 1999). Portanto, parece que a narrativa quer mostrar de que inexistente uma resposta fácil para o homem se adaptar diante do desmoronamento do colonialismo/apartheid e o patriarcalismo.

Apesar da mudança, a ambigüidade na posição da mulher é evidente. A idéia do “sangue fluindo na direção contrária”, freqüente na tragédia grega, permeia o romance nas questões de propriedade e sexo. Os eventos narrados se referem ao período pós-apartheid em que há uma iniciação na mudança no exercício de poder. No início, Lucy é proprietária de sítio e o negro Petrus, seu vizinho, um empregado rural; agora Lucy perde a propriedade rural e torna-se a segunda mulher de Petrus, o qual lhe dá proteção e um “futuro”. A descendente de colonizadores e proprietários brancos de terra se transforma numa subalterna, enquanto o subalterno negro fica dono de terras. Essa inversão se manifesta também no âmbito sexual. A prostituta negra Soraya encontra a voz e lhe diz, “Está me incomodando em minha casa. Exijo que jamais telefone para mim. Jamais!” (COETZEE, 1999, p. 10). A reação de Melanie é mais sutil porque ela o destruiu politicamente, embora o deslocamento de David seja algo muito aquém do sofrimento do deslocamento experimentado por milhares de negros durante a colonização e o apartheid. É a vez do professor branco ser corroído pelo deslocamento, pela não-identidade e não-autenticidade (ASHCROFT et al., 1991). A ambigüidade é mais profunda ainda. Durante o período colonial/apartheid, os negros sofriam a injustiça e o aviltamento para se manterem vivos; na era pós-apartheid Lucy se adapta a essa situação para continuar a sua vida, ou seja, fabricar a amnésia sobre o passado e lutar para sobreviver no futuro.

Conclusão

Os textos literários escolhidos ou são o produto de um autor empenhado em representar e defender o império britânico e a espoliação colonial ou de um autor nativo branco não-representante do colonialismo/apartheid, mas consciente de seu papel esdrúxulo de interpretar a história e as aspirações dos negros na África do Sul. A representação da mulher pelos “donos” da narrativa varia de acordo com sua ideologia construtora de estereótipos. Portanto, o narrador fabrica positivamente a mulher nativa que está ao lado do colonizador. Mesmo posta na alteridade, ela se compraz na própria uti-

lização e na objetificação pelo colonizador. Pode ser a metonímia da escritora colonial a serviço da metrópole e empenhada a educar todos os nativos na mentalidade européia. Por outro lado, o narrador pode pôr na alteridade a mulher que protesta. Mal o autor colonial percebe de que foi ele quem lhe deu a linguagem! Duplo é o resultado: através dessa linguagem ela denuncia e amaldiçoa o colonizador, enquanto ela mesma se subjetifica.

Ademais, o autor sul-africano, e criador de seus narradores, tem uma tarefa cheia de ambigüidades. O narrador constrói as personagens femininas com as incertezas, problematizações e questionamentos referentes à sua postura no ambiente violento do apartheid ou no período de transição pós-apartheid. Se, mesmo após a recuperação da voz, a representação da mulher negra é ambígua, o papel da mulher branca numa sociedade ainda hierarquizada pela educação e pelas oportunidades de ascensão social, perde-se no terrível dilema da busca de identidade. Resta-lhe ainda a ingente tarefa de propiciar a subjetificação da mulher negra para que a comunicação sujeito-sujeito seja possível e construtora de uma nova sociedade.

Abstract

Imperial, colonial and apartheid policies did not merely influence the population of South Africa but also the representation of African women in literature. Aspects of female representations in three texts of South African literature written in English will be analyzed, namely, Foulata and Gagool in King Solomon's Mines (1885) by Henry Rider Haggard; the nameless woman in Nadine Gordimer's short story Is there nowhere else where we can meet? (1985), and Melanie and Lucy from Disgrace (1999) by J. M. Coetzee. In the first instance the African woman seen by imperial eyes will be studied; further, the female is analyzed when colonialism is already somewhat outdated but the country is breathing the racist policy of apartheid; thirdly, the female is perceived in the post-apartheid period during which feminine ambiguity is enhanced, even though the Negro population are currently appreciating liberty and reconciliation in the new South Africa.

Key words: South African literature; female representation; objectification; subject; literatures in English.



BONNICI, Thomas.
Representação feminina
na literatura da África
do Sul.

Mimesis, Bauru,
v. 23, n. 2, p. 91-101,
2002.

Bibliografia

- ASHCROFT, B. et al. *Key Concepts in Post-Colonial Studies*. London: Routledge, 1998.
- _____. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. London: Routledge, 1991.
- BHABHA, H. Of Mimicry and Men: The Ambivalence of Colonial Discourse. *October*, v. 28, n. 1, p. 125-133, 1984.
- _____. The Other Question: Difference, Discrimination and the Discourse of Colonialism. *Screen*, v. 24, n. 6, p. 18-36, 1983.
- BONNICI, T. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.
- COETZEE, J. M. *Disgrace*. London: Vintage, 1999.
- DU PLESSIS, R. B. *Writing beyond the Ending: Narrative Strategies of 20th Century Women Writers*. Bloomington: Indiana UP, 1985.
- GORDIMER, N. *Some Monday For Sure*. London: Heinemann, 1985.
- HAGGARD, H. R. *King Solomon's Mines*. London: Minster, 1968.
- HARRIS, W. *Tradition, the Writer and Society*. London: New Beacon, 1973.
- JANMOHAMMED, A. The Economy of Manichean Allegory: The Function of Racial Difference in Colonial Literature. *Critical Inquiry*, v. 12, n. 1, p. 59-87, 1988.
- PETERSON, K. H. First Things First: Problems of a Feminist Approach to African Literature. In: ASHCROFT, B. et al. *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995. p. 251-254.
- SARTRE, J-P. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução por Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SOUZA, L. M. T. M de. Post-Colonial Literature and a Pedagogy of Re-Visioning: The Contribution of Wilson Harris. *Claritas*, v. 1, n. 1, p. 55-61, 1994.
- SPIVAK, G. C. Can the subaltern speak? In: ASHCROFT, B. et al. *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995. ≡

